

A prática de pintura A partir dos pigmentos da terra na formação de artistas professores

Painting practice from earth pigments in
the training of teaching artists

Práctica de pintura de los pigmentos
de tierra en la formación de artistas
docentes

Caio Vieira da Silva Villa de Lima¹

Tharciana Goulart da Silva²

Jociele Lampert³

1 Graduando em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Atua como bolsista de iniciação científica do projeto de pesquisa "O estúdio de pintura como um laboratório de ensino e aprendizagem em artes visuais" coordenado pela Profª Drª Jociele Lampert. lattes: <http://lattes.cnpq.br/8031548719806996> orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8102-5063> email: caioovsl@gmail.com

2 Doutora em Ensino das Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/UDESC). Atua como professora colaboradora no Centro de Artes da UDESC, no curso de Licenciatura em Artes Visuais. lattes: <http://lattes.cnpq.br/6262703963941419> orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2393-5303> email: tharcianagoulart@gmail.com

3 Doutora em Artes Visuais pela ECA/USP (2009); Mestre em Educação pela UFSM (2005). Professora Adjunta na Universidade do Estado de Santa Catarina. lattes: <http://lattes.cnpq.br/7149902931231225> orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0963-0925> email: jocielelampert@uol.com.br

RESUMO

O artigo foi desenvolvido durante uma pesquisa de iniciação científica vinculada ao projeto “O estúdio de Pintura como um Laboratório de Ensino e Aprendizagem em Artes Visuais”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Jocielle Lampert, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). A pesquisa aborda a maneira como a manufatura de tintas contribui para a formação de artistas professores, tanto para os seus processos em artes visuais, como para o processo de criação de aulas na escola. Para o estudo, investigou-se o uso de pigmentos de terra no trabalho da artista Silvia Carvalho. Foram também realizados estudos práticos sobre como fazer tintas com terra e o uso desses pigmentos nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais.

PALAVRAS-CHAVE

Pigmentos da terra; Manufatura de tinta; Artes Visuais

ABSTRACT

The article was developed during a scientific research scholarship, linked to the project “The painting studio as a teaching and learning laboratory in visual arts”, by Prof.^a Dr.^a Jocielle Lampert, at the University of the State of Santa Catarina (UDESC). The research approaches the manufacture of paints and how it contributes to the training of artist teachers, for their processes in visual arts and for the process of creating classes at school. For the study, the use of earth pigments in the work of the artist Silvia Carvalho was investigated, practical studies were carried out on how to make paints with the earth pigments and the use of these pigments in the Graduation courses in Visual Arts.

KEY-WORDS

Earth Pigments; Ink Manufacturing; Visual Arts

RESUMEN

El artículo fue desarrollado durante el período de la beca de iniciación científica, vinculado al proyecto “Estudio de Pintura como Laboratorio de Enseñanza y Aprendizaje en Artes Visuales”, de la Prof.^a Dr.^a Jocielle Lampert, en la Universidad Estadual de Santa Catarina (UDESC). La investigación aborda cómo la fabricación de pinturas contribuye a la formación de maestros artistas, tanto para sus procesos en artes visuales como para el proceso de creación de clases en la escuela. Para el estudio, se investigó el uso de pigmentos de tierra en la obra de la artista Silvia Carvalho, se realizaron estudios prácticos sobre cómo hacer pinturas con tierra y el uso de estos pigmentos en los cursos de Artes Visuales.

PALABRAS-CLAVE

Pigmentos de tierra; Fabricación de tinta; Artes Visuales

Introdução

Quando refletimos sobre aulas de pintura na Graduação de Artes Visuais, por vezes relacionamos as práticas com o uso de tintas industrializadas. No entanto, há possibilidades de levar a pintura para a sala de aula a partir de materiais não convencionais. Foi partindo desse pensamento enquanto problemática que realizei uma pesquisa sobre o uso de pigmentos de terra, tendo como referência o trabalho da artista Silvia Carvalho, e desenvolvi uma pesquisa sobre o uso de tintas manufaturadas junto a disciplina Introdução à Linguagem Pictórica, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Jocielle Lampert nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

O motivo da escolha do tema de pesquisa (pintura com terra nos cursos de Graduação) parte de meu interesse em pensar a pintura na arte contemporânea e a sua exploração em sala de aula, pois durante toda a minha formação estudei e pratiquei a pintura. Outro fator que influenciou minha escolha da temática foi a participação no Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke, do qual faço parte desde 2020, e que pesquisa a prática artística e pedagógica em artes visuais no ateliê de pintura. Os estudos nesse grupo oportunizaram um espaço para o conhecimento e o aprofundamento sobre o processo pictórico, bem como conversas e trocas de saberes com outros membros, artistas e professores convidados.

A pesquisa realizada está vinculada ao projeto O Estúdio de Pintura como um laboratório de Ensino e Aprendizagem em Artes Visuais, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Jocielle Lampert, docente dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Artes Visuais na Udesc. O projeto reflete sobre duas categorias: o estúdio de pintura, um lugar onde desenvolvem-se metodologias operativas de produção pictórica, tanto da perspectiva do artista, quanto do professor; e a categoria, a qual versa sobre o laboratório de ensino e aprendizagem e na qual busca-se compreender o conceito de *Laboratory School*, defendido por John Dewey e publicado pelo *Teachers College*, em 1997. Desta forma, a problemática do projeto centra-se na articulação de como o estúdio de pintura pode ser um espaço para a investigação artística e de práticas e metodologias para sala de aula.

Atuo neste projeto como bolsista de iniciação científica desde o início de 2022 e venho estudando a manufatura de tintas com terra e como elaborar essa pesquisa em práticas para a sala de aula. Assim, o objetivo da pesquisa que produzi ao longo da vigência da bolsa foi refletir sobre o ensino de pintura no contexto da Graduação, investigando a manufatura de tintas e porque o estudo de produção delas é conteúdo importante para a formação inicial dos estudantes em seu processo pictórico.

A pintura como linguagem em artes visuais é um campo que necessita ser revisitado, pois o que se entendia por pintura no passado, na arte contemporânea, passa por experimentações com outras mídias, trazendo mudanças em sua concepção. Dessa forma, a pesquisa colabora para o campo que investiga a pintura, tanto no que versa sobre processos de criação em artes visuais, como em processos de criação de aula.

Para a base referencial da pesquisa, foi adensado o estudo sobre o processo de

manufatura de tintas pela artista Silvia Carvalho a partir da leitura de sua dissertação de mestrado “Sobre Pintura Ateliê (Reflexões da Artista /Professora)” (2016) e a entrevista “Procedimentos de coleta e manufatura na pintura contemporânea: entrevista com Silvia Carvalho” (2022), realizada pelos artistas professores Tharciana Goulart da Silva e Miguel Vassali. Outra publicação estudada foi “Manual Prático do Artista: equipamentos, materiais, procedimentos e técnicas” (2003), do autor Ray Smith, que possibilitou a compreensão de como as tintas são produzidas. No campo filosófico, o capítulo “Ter uma experiência”, que compõe o livro “Arte como Experiência”, de John Dewey (2010), foi um referencial básico para a construção do pensamento.

Os primeiros estudos teóricos e a visita ao ateliê de Silvia Carvalho

Na arte contemporânea há uma busca por possibilidades diferentes para a pintura. Sejam práticas do passado reinventadas sobre outros pressupostos no presente ou procedimentos novos intercalando linguagens diferentes nas artes visuais. No contexto dessa investigação, estudei a prática da artista professora Silvia Carvalho, que utiliza em seu trabalho tintas produzidas com terra, pois estava interessado em conhecer alguns processos de artistas que optam por fazer pinturas com outros materiais e com tintas artesanais.

Silvia Carvalho nasceu em São Paulo (SP), mas vive em Florianópolis (SC) desde 1990. Ao longo de sua carreira como artista, investigou muitos materiais para pintura e começou a produzir tintas com terra durante sua Graduação em Artes Visuais na Universidade do Estado de Santa Catarina, concluída em 2010. Seu estudo de manufatura de tintas parte de uma pesquisa bastante experimental, na qual encontra respostas para seu processo naquilo que é coletado e, posteriormente, testado em seu ateliê. Segundo Silva e Vassali, no campo da pintura, Silvia Carvalho não está interessada somente no resultado, mas sim no caminho trilhado como parte do processo:

Comecei a usar materiais de tudo quanto é tipo quando me mudei para o Campeche [bairro de Florianópolis-SC], bem do ladinho da praia. Quando eu caminhava na praia, realizava coletas de materiais orgânicos. Comecei a incorporar esses materiais na minha pintura que ainda era com tinta acrílica. Usei também areia, vários elementos da natureza. Como eu morava em uma casa e tinha jardim, eu acabei usando o barro, o mais comum. Usando eu pensei: “Isso funciona! Não muda de cor!”. Então vi esse resultado e comecei a fazer essa mistura de tinta acrílica, terra, experimentações desse tipo. Nesse ritmo eu comecei a procurar mais uma cor ou outra. (CARVALHO, 2022, informação verbal) ⁴

A artista coleta diferentes tipos de terra das regiões próximas a sua residência e, durante viagens de carro, fica atenta à procura de terrenos abertos na estrada. Ao ter

⁴ Informação concedida pela artista professora Silvia Carvalho em 2022.

contato com o trabalho de Silvia, percebi que atualmente a manufatura de tintas é uma opção para quem rejeita o uso descartável dos materiais e deseja uma relação direta com o material para o seu processo. A pintura de Silvia Carvalho evidencia uma prática artística contemporânea que busca refletir sobre outros procedimentos, pensando seu processo para além das tintas industriais sobre a tela. A manufatura das tintas surge como uma parte fundamental do processo artístico, o qual evidencia um entendimento sobre a arte como algo em constante continuidade e próximo a vida. A concepção de arte como processo em artes visuais relaciona-se com o conceito de experiência no livro *Arte como Experiência*, do autor John Dewey (2010). No capítulo “Ter uma experiência”, Dewey diz que para ter uma experiência é necessário que o movimento seja consumado, isto é, “quando o material vivenciado faça o percurso até sua consecução” (DEWEY, p.109, 2010). Dewey chama essa consumação de “experiência singular”, de tal modo que seu encerramento é uma consumação, e não uma cessação. Em um trecho do capítulo, o autor usa a metáfora de um rio para explicar a “experiência singular”:

Um rio, como algo distinto de um lago, flui. Mas seu fluxo dá às suas partes sucessivas uma clareza e interesse maiores do que os existentes nas partes homogêneas de um lago. Em uma experiência, o fluxo vai de algo para algo. À medida que uma parte leva a outra e que uma parte dá continuidade ao que veio antes, cada uma ganha distinção entre si. O todo duradouro se diversifica em fases sucessivas, que são ênfases de suas cores variadas (DEWEY, 2010, p. 67).

Assim como fala Dewey sobre a continuidade da experiência, ao ler como Sílvia Carvalho narra seu processo, é possível observar como sua prática artística está permeada pela vida e não tem um marco de início e um marco de fim. A prática perpassa seu dia a dia, muito antes das pinceladas na tela, quando avista terrenos abertos, cores e possibilidades de materiais para elaboração de suas tintas. O trabalho da artista se torna vivo e em constante transformação, onde cada coleta e cada teste em seu ateliê sugere pistas e novos caminhos para o processo. Em um trecho de sua dissertação de mestrado, Silvia narra sua investigação, contando sobre a transição do uso de tinta acrílica comum para o uso dos pigmentos e sobre como começou a enxergar tons de cinza na terra que antes passavam despercebidos:

De fato, procurava arduamente silenciar a pintura, calar os tons por meio da paleta reduzida. Passei a utilizar quatro ou cinco cores, nunca diretamente do tubo, misturadas ao branco. Cada vez mais, os pigmentos foram tomando o lugar da tinta acrílica e, ao dar continuidade ao processo de colheita do material orgânico, passei a escolher (enxergar) tons de cinza. Acinzentados e azulados integravam-se aos variados brancos, amarelos suaves, rosas delicados, lilases cor de carne e verdes sutis, cores encontradas em Santa Catarina e em São Paulo. (CARVALHO, 2014, p. 25)

Em uma visita ao ateliê da artista, junto ao Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke, em 2022, tive a oportunidade de conhecer um pouco mais do processo da artista. Durante a conversa, Silvia contou brevemente sobre como iniciou seus

primeiros estudos e, ao final, mostrou como fazia as próprias tintas.

Toda tinta é feita de pigmento, aglutinante e solvente. No caso da Silvia, seus pigmentos são todos inorgânicos, vindos da terra. O aglutinante usado é o verniz acrílico e o solvente é a água. Desde que começou a produzir pigmentos e tintas com terra, Silvia foi testando os aglutinantes e hoje utiliza verniz acrílico, que produz uma tinta diferente de qualquer outra tinta industrial. Silvia apresentou o verniz e as terras em pequenas cestinhas, algumas eram rochas mais duras e outras eram em pó. Os métodos de extração da artista variam, pois dependendo do estado em que a terra e o mineral estão, a técnica utilizada para obter o pigmento é diferente.



Figura 1. Terras e minerais usados pela artista Silvia Carvalho. Acervo Estúdio de Pintura Apotheke.

As etapas passavam por moer, peneirar, filtrar e decantar até chegar em um material fino e adequado para a manufatura. No entanto, Silvia relata que ao longo dos anos deixou de utilizar as etapas do filtrar e decantar, por exemplo, pois percebeu que nem toda matéria prima apresentava impurezas. Conforme Silva e Vassali (2022), a artista faz verdadeiros rituais de transformação ao produzir tintas a partir da terra. Silvia relata:

Eu coletei em morros descascados, arrancados, aqueles morros abertos onde sempre tem muitas cores. Algumas parecem uma pedra, são minerais, na verdade, então é um processo diferente da terra, faço um processo de raspagem, dá muito trabalho. Na Serra Catarinense existem cores incríveis. Se você estiver com um olhar apurado, você começa a ver em muitos lugares. (CARVALHO, 2022. informação verbal)⁵

⁵ Informação concedida pela artista professora Silvia Carvalho em 2022.

Dessa forma, durante seu estudo de tintas com terra, Silvia Carvalho foi conhecendo e construindo o seu próprio método de trabalho, algo que desenvolveu após uma pesquisa dos materiais e que permanece em aberto para futuras deambulações. Um processo em que a manualidade se faz presente e que sem ela não construiria uma visualidade tão própria, pois a escolha de usar terras e de como as produz, faz com que seu trabalho tenha texturas e cores bastante particulares. Assim, o trabalho de Silvia Carvalho versa sobre a manualidade, o tempo de processo e as respostas que investigamos ao longo do próprio fazer, que não necessariamente acontecem no ateliê, mas sim no processo em artes visuais envolvido pela vida.



Figura 2. Visita ao ateliê de Silvia Carvalho. Acervo Estúdio de Pintura Apotheke.

Estudos práticos em ateliê e a aula sobre pigmentos da terra

Após o estudo teórico e o aprendizado decorrente da visita ao ateliê da artista Silvia Carvalho, realizei experimentos sobre as maneiras de produzir as tintas, tanto extraíndo o pigmento da terra, como utilizando pigmentos prontos e alternativos. O processo de estudo prático foi bastante experimental e não foram seguidas receitas prontas. Cada etapa concluída possibilitou que eu pudesse caminhar e conhecer a manualidade destas tintas, pensando o processo em continuidade, no qual cada estudo é somado a outro. Dewey, em um trecho de seu livro, explica sobre esse movimento contínuo da ação que a torna uma experiência singular:

A experiência, como a de ver uma tempestade atingir seu auge e diminuir gradativamente, é de um movimento contínuo dos temas. Assim como no oceano durante a borrasca, há uma série de ondas, sugestões que se estendem e se quebram com estrondo, ou que são levadas adiante por uma onda cooperativa. Quando se chega a uma conclusão, ela é a de um movimento de antecipação e acumulação, um movimento que finalmente se conclui. A conclusão não é uma coisa distinta e independente; é a consumação de um movimento (DEWEY, 2010, p.112).

Tudo foi coletado, testado em ateliê e provado em superfícies de papel e tela. A ideia foi investigar na prática a feitura das tintas e encontrar as respostas para os problemas que apareciam ao longo do processo. O processo de extrair os pigmentos da terra envolveu várias etapas: coletar a terra, moer, peneirar, filtrar, decantar e deixá-la secar. Esse processo levou bastante tempo, pois para ela decantar e secar foram necessários pelo menos dois dias.

Também produzi tintas com argilas prontas (comumente vendidas para procedimentos estéticos), de cores verde, marrom, dourada, rosa, preta, branca e cinza. Realizei testes no papel e em tela para registrar as características das tintas. Para todas elas, utilizei a mesma proporção: 1 colher de pigmento para 2 de emulsão acrílica (aglutinante usado em tintas acrílicas para dar liga ao pigmento). Nesse processo, percebi que as cores das argilas se modificaram quando aplicava a emulsão acrílica, pois a cor branca da emulsão clareou os pigmentos. Foi necessário moer mais de uma vez a solução de pigmento e aglutinante para a mistura ficar o mais homogênea possível.



Figura 3.. Estudo prático de tintas com as argilas. Acervo Estúdio de Pintura Apotheke

No processo de feitura, a massa de tinta só fica mesmo homogênea após o uso do molete (instrumento usado para moer o pigmento e fazer a mistura com o aglutinante) sobre o vidro. Por isso, derramei a tinta sobre a prancha e, com o molete, iniciei os movimentos no sentido de formar um oito com a mistura. Essa etapa leva tempo e é onde o pigmento e o aglutinante se combinam e tornam a tinta espessa e coesa para aplicar no papel. Estipulei um tempo aglutinando a tinta com o molete e, a cada 2 minutos, recolhia a tinta e fazia um teste no papel para ver sua consistência. As primeiras pinceladas saíam bastante dissolvidas e a cor do pigmento não era tão evidente. Ao longo do tempo de macerar, algumas adquiriam mais consistência, ficavam mais espessas, outras ficavam mais diluídas. Notei que essa diferença foi decorrente do pigmento utilizado. A argila preta, em específico, secou muito rápido e precisei usar mais água do que as outras tintas. Foram feitos testes mais aguados e outros mais grossos (sem diluir a tinta), realizei exercícios de escala, contrastes e sobreposições de cores, como demonstra a Figura 4 abaixo:

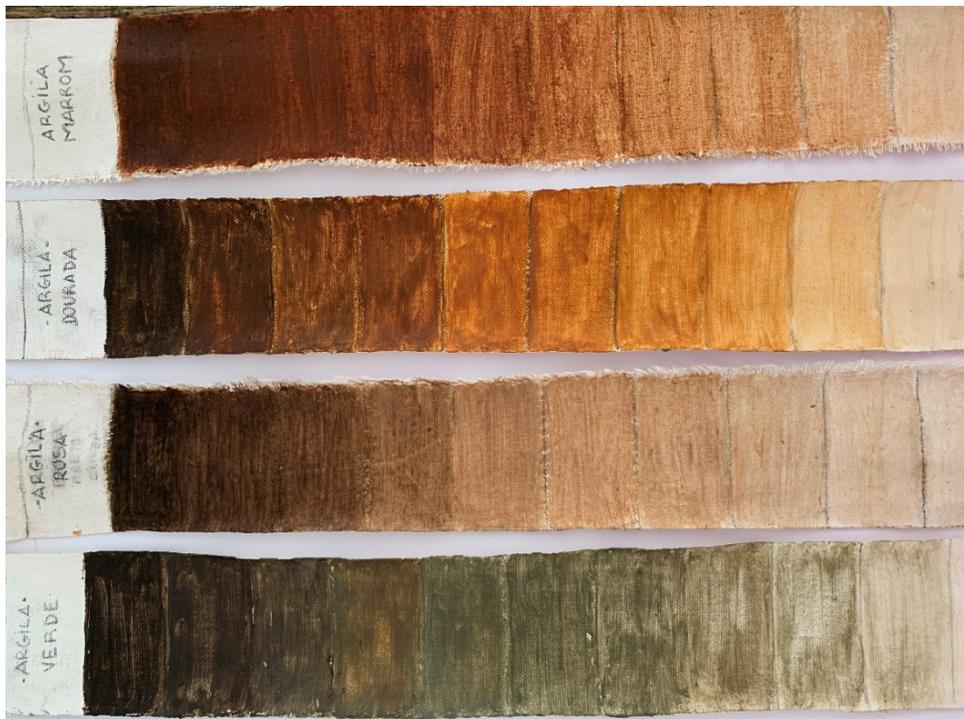


Figura 4. Escalas de cores com as argilas: verde, rosa, dourada e marrom. Acervo do autor.

Além dos testes com argila, foi testado com emulsão acrílica a spirulina em pó. A spirulina é um produto extraído de uma cianobactéria de cor verde e azulada e foi testado junto às outras tintas feitas com argila. Para obter a tinta da spirulina, foi necessário mudar a proporção: utilizei quatro colheres de emulsão para uma de pigmento. No momento de utilizar a tinta sobre uma superfície, era necessário o uso de mais água do que com as argilas e seu armazenamento precisava ser em um local o mais vedado do ar possível, pois ao longo dos testes percebeu-se que a tinta manufaturada criava mofo com facilidade.



Figura 5. Processo pictórico com as tintas feitas com argila. Acervo do autor

Depois de prontas, armazenei as tintas em uma pequena caixa de produzir gelo com tampa e consegui preservá-las sem que secasse. Utilizei as tintas em meu próprio processo pictórico, fazendo algumas pinturas com imagens que costumo utilizar em meus trabalhos, como demonstrado na figura 5, acima. Após muitos testes em papel e em tela, compreendi como as tintas funcionavam. Fiz algumas misturas entre cada uma para conseguir uma variação de tons. No entanto, muitas delas, devido à textura, acabam por não se misturarem bem e não ficam homogêneas. Uma alternativa encontrada para obter a variação de tonalidades foi pintar por camadas, escurecendo os tons conforme aplicava-se mais camadas de cor, e clareando-os com menos camadas (esse exemplo é também perceptível na Figura 4). A textura da tinta é bastante evidente, pois ao aplicar muita tinta ou fazer aguadas, é possível ver a marca da pincelada acentuada na superfície. A visualidade da pintura também ganha outra dimensão, uma vez que as texturas se sobressaem e as cores aparecem mais opacas.

Após os estudos, levei a pesquisa para o campo do ensino, abrindo um espaço para investigação de materiais na disciplina de Introdução à Linguagem Pictórica, nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais (UDESC). Durante a apresentação em sala de aula, foi preparada uma mesa com os testes de cor que eu havia realizado, as tintas em potes e exemplos das etapas para produção dos pigmentos. A professora Jocielle Lampert, em conversa com a artista Silvia Carvalho, também conseguiu algumas amostras de pigmento produzidas pela artista. Utilizamos esses pigmentos para mostrar aos alunos as possibilidades de cores que podemos encontrar na natureza e para aproximar o trabalho da artista dos estudantes. Também disponibilizamos na mesa todos os instrumentos para que eles pudessem manufaturar as tintas: placas de vidro, moletes, moedores, colheres e argilas em cores variadas.



Figura 6. Aula de manufatura de tintas realizada na disciplina de Introdução à Linguagem Pictórica (Udesc). Acervo Estúdio de Pintura Apotheke.

Durante a primeira parte do encontro, realizei uma aula expositiva sobre a artista Sílvia Carvalho, apresentando sua trajetória na pintura, suas obras e como chegou ao processo de fazer tintas. Em um segundo momento, demonstrei quais procedimentos são necessários para a produção das tintas com terra. Primeiro fiz uma demonstração de como produzir o pigmento, mostrando as etapas de extração. Depois, demonstrei como fiz as tintas com os pigmentos prontos de argila. O desafio dos alunos era experienciar a produção de tintas com as argilas e fazer testes de cor, pois para fazer a extração do pigmento era necessário peneirar, filtrar e decantar, o que levaria mais de um dia para fazer. A terceira parte da aula foi dedicada à pesquisa dos estudantes sobre a manufatura de tintas na prática, durante a qual produziram as tintas em duplas. Durante esse exercício, os estudantes realizaram testes de contrastes, escalas, sobreposições, interações, estudos de cores quentes e frias e composições. Ao final, socializamos os trabalhos para ouvir sobre o processo de cada um.



Figura 7. Encerramento da aula de manufaturas de tintas na disciplina de Introdução à Linguagem Pictórica (UDESC). Acervo Estúdio de Pintura Apotheke.

O que podemos pensar sobre a manufatura de tintas com terra em sala de aula

As aulas ministradas pela Prof.^a Dr.^a Jocielle Lampert” ao longo do semestre tiveram como objetivo fazer do estúdio de pintura um local de estudos, buscando fornecer elementos metodológicos para que os estudantes realizassem uma pesquisa em pintura. Assim, os discentes estudaram os fundamentos da linguagem visual, os materiais para pintura e aprofundaram o estudo da teoria da cor. Sabendo do objetivo da disciplina de Introdução à Linguagem Pictórica buscou-se, durante a aula sobre pigmentos da terra, instrumentalizar e proporcionar reflexões sobre a produção de tintas, visando ampliar o repertório dos discentes sobre as possibilidades que permeiam o campo do processo pictórico.

Neste processo de pesquisa, perguntei-me sobre a importância do conteúdo na formação inicial dos alunos: qual a necessidade de produzir tintas, uma vez que encontramos tintas prontas em lojas de materiais artísticos? Segundo Silvia Carvalho (2016), ao utilizar tintas artesanais, precisamos buscar outros modos de fazer e pensar a pintura; temos neste *fazer e pensar* uma pista para a reflexão sobre o que tange as técnicas, sobre visualidades e o próprio sentido da arte.

Quando fazemos tintas com terra, há a escolha do local de onde extrai-se a mesma, o cuidado em produzir e armazenar as tintas, a escolha da superfície, o modo como misturamos, a quantidade de tinta aplicada sobre a tela, o tempo do processo de secagem, o uso de camadas para criar áreas mais escuras e menos camadas para áreas mais claras, etc. Há uma série de detalhes que diferem de um processo com tintas industriais e que levam para outros modos de fazer, pensar e perceber a pintura. Durante a aula, um estudante perguntou se a receita para fazer as tintas com terra era sempre a mesma. Disse que em meus estudos padronizei, pois deu certo com quase todos os pigmentos de argila que testei. No entanto, disse também que não precisava ser seguida a mesma receita sempre, pois tinha obtido outros resultados quando mudei as quantidades e também quando o clima estava mais úmido ou mais seco. Na oportunidade de responder a essa questão trazida pelo estudante, pude rever minha experiência e contar que, com meu estudo, percebi que havia muitas possibilidades de procedimentos e que cada material poderia resultar em um caminho diferente de pesquisa, a depender do objetivo final. Desse modo, procurei evidenciar que os estudantes poderiam realizar suas próprias investigações e, com os testes, buscar o resultado desejado.

Na pintura feita com terra há a mudança de cores com o passar do tempo, as tintas feitas com pigmentos terrosos apresentam características distintas das tintas industriais. Em meu processo, percebi que as argilas, quando usadas enquanto pigmentos, tendem a produzir um resultado mais amarronzado, mesmo o branco, o verde e o rosa, cores em que, a princípio, não é esperado que tal alteração ocorra. Ou seja, no processo de fazer e usar a tinta existem alterações no âmbito do inesperado, questões que só são percebidas no estudo de fazer e refazer as manufaturas. Foi notável também que as pinturas com terra produzem composições mais foscas e algumas partes da pintura trouxeram certa transparência. Sobre essas questões percebidas na prática, Silvia Carvalho comenta:

[...] o trabalho desenvolvido com tinta de terra tem uma visualidade estética muito singular, diferente de qualquer tinta vendida em loja, de fabricação industrial. Sua textura, no caso da minha pintura, é aveludada, pois elimino os grãos ao máximo. Não é pintura a óleo, nem tinta acrílica, nem aquarela, nem guache. É pintura com terra, com materialidade pulsante e potente. (CARVALHO, 2014, p. 38).

Ou seja, há uma outra metodologia em operação quando utilizamos tintas artesanais, que hoje são buscadas não só por Silvia Carvalho, mas também por outros artistas.

Quando estudei o processo artístico de Silvia, compreendi que a manualidade e o tempo dedicado ao processo faziam toda a diferença em seu trabalho. Encontrar materiais que não sejam os de uso habitual não é algo que acontece ao mero acaso, mas sim por um saber olhar e trazer uma outra função para aquele material coletado. Isto faz com que sua dedicação à pintura não seja presente apenas em seu ateliê, pois se apresenta também fora dele e em qualquer momento de seu dia a dia. Seu

processo se torna contínuo e próximo de sua vida.

Na ocasião em que visitamos o ateliê da artista, perguntei se ela tinha vontade de pintar com as tintas industriais. Silvia disse que já tentou experimentar novamente tais tintas, mas sentiu que faltava alguma coisa durante o processo e que a pesquisa de materiais e a manualidade no momento da feitura das tintas eram fundamentais para suas pinturas. Assim, fazer tintas com terra é pensar em outros procedimentos em pintura, o que leva também a um outro entendimento conceitual sobre arte. Uma arte que ocorre durante o processo e não somente no objeto final. John Dewey, utiliza como metáfora uma pedra que rola em um morro para exemplificar uma experiência, algo que podemos relacionar ao processo em arte e, neste caso, ao preparo de tintas com terra em um trabalho de pintura:

Acrescentamos a esses dados externos, à guisa de imaginação, a ideia de que a pedra anseia pelo resultado; de que se interessa pelas coisas que encontra no caminho, pelas condições que aceleram e retardam seu avanço, com respeito à influência delas no final; de que age e se sente em relação a elas conforme a função de obstáculos ou auxílio que lhes atribui; e de que a chegada final ao repouso se relaciona com tudo o que veio antes, como a culminação de um movimento contínuo. Nesse caso, a pedra teria uma experiência, e uma experiência com qualidade estética. (DEWEY, 2010, p. 116).

Na aula de manufatura de tintas de terra, os alunos tiveram a oportunidade de desenvolver outros modos de fazer pintura. Refletiram sobre outras técnicas e ferramentas para poderem produzir com autonomia suas próprias pesquisas com pigmentos e conheceram outros tipos de visualidades utilizando tintas com terra. Além disso, os discentes vivenciaram um outro sentido de arte, pautado muito mais no processo do que em um produto final. Experimentaram pensar a arte próxima à vida e, principalmente, a pintura, que costuma ser tão vinculada às técnicas tradicionais e ao isolamento em ateliê. Silvia conta em um trecho de sua dissertação como se relaciona com os lugares em que coleta seus pigmentos:

Tais questões me ajudam ainda mais a refletir sobre o contexto não somente da pintura (do pigmento), mas da minha relação com o meio que me cerca. Este ambiente, que abarca cidade, terra, mar, concreto, praias, montanhas, lagoas, rios, campos, dunas, animais e pessoas, é onde estou imersa. Sou diretamente atravessada pela realidade florianopolitana, e outros, que vivem e trabalham aqui, mesmo os 'forasteiros' como eu, também o são. (CARVALHO, p. 35, 2014).

Ao ler o relato de Silvia sobre seu processo, podemos perceber que é essencial na formação inicial em Artes Visuais que os estudantes sejam apresentados aos diferentes modos de processo em pintura, principalmente quando refletimos sobre a arte contemporânea, onde o pensamento pictórico perpassa outras mídias, procedimentos e adquire outras configurações em sua concepção de arte. O processo de Silvia em pintura com tintas de terra apresenta uma concepção para os estudantes

em artes visuais voltada para a coleta, o tempo do estúdio, as manualidades e ligado à vida. Quando pensamos sobre tintas com terra e abrimos um espaço de investigação em sala de aula, não estamos apenas aprendendo uma forma de se fazer pintura, mas sim trazendo formas diferentes de se pensar a linguagem em sala de aula. Estamos discutindo os materiais, as visualidades e a arte. Dessa forma, aprender sobre manufatura de tintas colabora na formação de estudantes dos cursos de Artes Visuais, pois amplia o repertório criativo para que os futuros artistas professores possam desenvolver suas aulas para a escola e, além disso, suas próprias obras.

Conclusão

Com as pesquisas teóricas, práticas e em sala de aula quanto ao uso de tintas com terra, percebeu-se que é importante, no início da Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais, que os futuros artistas professores conheçam mais de um procedimento em pintura, pois não há um único jeito de pintar e pensar a pintura. A mesma, ao longo da história, ficou conhecida por exigir que os estudantes aprendessem técnicas, porém, atualmente, tem uma multiplicidade de caminhos dentro das artes visuais, dentre os quais a manufatura das próprias tintas. Na arte contemporânea, podemos pintar com tintas industriais, bem como usar tintas artesanais, ou mesmo fazer pintura sem tinta.

Abrir um espaço de investigação com o uso de tintas de terra faz com que os estudantes possam perceber outros modos e procedimentos em pintura. Ao aprenderem a produzir as próprias tintas, os estudantes conheceram outras visualidades para o processo pictórico, porque os tons e texturas da tinta não são encontrados em tintas fabricadas industrialmente. Os estudantes também pesquisaram outros materiais não convencionais na pintura, ativando a percepção para buscar não só pigmentos da terra, como também pigmentos encontrados nas flores, frutas, folhas, raízes, etc.

O contato com um procedimento em pintura pautado em tintas com terra, faz com que os estudantes conheçam uma pintura baseada muito mais no processo do que no produto final. Assim, a manufatura de tintas com os pigmentos da terra fez com que os estudantes pudessem pensar em outros modos para realizar seu processo pictórico e para o seu processo de criação em sala de aula.

Referências

CARVALHO, S. **Procedimentos de coleta e manufatura na pintura contemporânea: entrevista com Silvia Carvalho.** [entrevista cedida a] Tharciana Goulart da Silva e Miguel Vassali. Florianópolis. 2022

CARVALHO, S. **Sobre Pintura & Ateliê (Reflexões da Artista /Professora)**. Dissertação. Ceart, Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2016. Disponível em: <<https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000067/00006762.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CARVALHO, S. **A Terra como cor**: Processos experimentais na pintura contemporânea brasileira. Monografia. Ceart, Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2010. Disponível em: <<https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000000/000000000010/00001004.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

DEWEY, J. Ter uma experiência. In: DEWEY, J. **Arte como experiência**. 1 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

SMITH, R. **Manual Prático do Artista**: equipamentos, materiais, procedimentos e técnicas. 1 edição brasileira. São Paulo: ED Bárbara Dixon, 2008.

Submissão: 25/10/2022

Aprovação: 19/12/2022